

Fabiano Eloy Atilio Batista
(Organizador)

A arte

e a

cultura

e a

formação humana

3

Atena
Editora
Ano 2022

Fabiano Eloy Atilio Batista
(Organizador)

A arte

e a

cultura

e a

formação humana

3

Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo



Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



A arte e a cultura e a formação humana 3

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Fabiano Eloy Atílio Batista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A786 A arte e a cultura e a formação humana 3 / Organizador
Fabiano Eloy Atílio Batista. – Ponta Grossa - PR: Atena,
2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0208-4

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.084220906>

1. Arte. 2. Cultura. I. Batista, Fabiano Eloy Atílio
(Organizador). II. Título.

CDD 701

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Estimados leitores e leitoras;

Em sua terceira edição, a obra **'A arte e a cultura e a formação humana 3'** busca trazer uma continuidade das discussões em torno das artes e da cultura, a nível nacional e internacional.

Assim, a coletânea **'A arte e a cultura e a formação humana 3'** vem se configurando e se solidificando como uma ferramenta, teórica e metodológica, que busca auxiliar os sujeitos na prática da compreensão e da reflexão sobre as possibilidades e os diversos olhares que podemos lançar para compreendermos a importância da arte em nosso cotidiano e em nossas relações. Pois, "a arte funciona como uma das principais armas de uma teoria crítica da cultura que pretende potencializar o que de transformador e revolucionário levamos em nossa própria essência de seres humanos" (HERRERA FLORES, 2005, p.31)¹.

Sendo assim, as discussões propostas ao longo dos 15 capítulos que compõem esta edição buscam, de forma crítica e metodológica, trazer uma reflexão de como a arte é importante mediadora da cultura, sendo crucial para o desenvolvimento expressivo, criativo e auxiliando os mais variados sujeitos em suas construções e ressignificações pessoais e coletivas, tornando-os mais sensíveis e críticos ao mundo que os cerca, já que, assim como mencionado por Ferraz e Fusari (2009, p. 38), a "[...] arte não acontece no vazio, nem desenraizadas das práticas sociais vividas pela sociedade como um todo"².

Ademais, espera-se que os textos desta coletânea possam ampliar as possibilidades, os olhares e as reflexões de todos os leitores e leitoras, oportunizando, de forma crítica e reflexiva, o aparecimento de novas pesquisas e olhares sobre a multiplicidade das artes e da cultura como mediadora e formadora de uma formação humana, justa, igualitária e plural.

A todos e todas, esperamos que gostem e que tenham uma agradável leitura!

Fabiano Eloy Atilio Batista

1 HERRERA FLORES, Joaquín. **El proceso cultural**. Materiales para la creatividad humana. Sevilla: Aconcagua Libros, 2005.

2 FERRAZ, Maria Heloisa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Resende. **Metodologia do ensino da arte: fundamentos e preposições**. São Paulo: Cortez, 2009.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

IDENTIDADE CULTURAL: DISCUSSÕES ATRAVESSADAS PELA MODERNIDADE E PÓS MODERNIDADE

André de Araújo Pinheiro


Carla Daniele Saraiva Bertuleza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0842209061>

CAPÍTULO 2..... 15

NOSSO PALCO É A RUA: REFLEXÕES SOBRE CARIMBÓ URBANO E A PRÁTICA DO MANGUEIO COMO RECURSO DE SOCIABILIDADE PARA A AFIRMAÇÃO DO DIREITO A CIDADE


Daniel da Rocha Leite Junior

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0842209062>

CAPÍTULO 3..... 27

O CARIMBÓ URBANO PRODUZIDO NA GRANDE BELÉM: UM DEBATE SOBRE OS PROCESSOS DE SINCRETIZAÇÃO CULTURAL ENTRE AS CORRENTES TRADICIONAL E MODERNA DO CARIMBÓ

Daniel da Rocha Leite Junior

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0842209063>

CAPÍTULO 4..... 39

A MAIS DADÁ DE TODAS AS EXPOSIÇÕES: UM NOVO OLHAR ACERCA DE *MACHINE ART*, MOMA, 1934


Marcos Rizolli

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0842209064>

CAPÍTULO 5..... 48

ENTRE O DESAMPARO JOVEM E O SAGRADO: O ESPECTRO DO GUERREIRO NOS RAPS DO GRUPO REALIDADE NEGRA DO QUILOMBO DO CAMPINHO DA INDEPENDÊNCIA


Renata Câmara Spinelli

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0842209065>

CAPÍTULO 6..... 68

SOCIOESTÉTICA, UNA POSIBILIDAD FENOMENOLÓGICA DEL SER SOCIAL

Javier Mauricio Ruiz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0842209066>


CAPÍTULO 7..... 77

CONVERSA COM A NATUREZA ATRAVÉS DE EXPERIÊNCIAS FOTOGRÁFICAS COM OS CORANTES DAS PLANTAS

Daniela Corrêa da Silva Pinheiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0842209067>

CAPÍTULO 8	86
O PATRIMÔNIO DUPLAMENTE ESQUECIDO: DOS EFEITOS DA PANDEMIA DA COVID-19 SOBRE EDIFICAÇÃO DE CARÁTER HISTÓRICO EM FORTALEZA-CE	
Jamilé Parnaíba Silva Adriana Guimarães Duarte	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0842209068	
CAPÍTULO 9	103
SÉRIE DE REPORTAGENS PARA TV: RESGATE HISTÓRICO DOS CINEMAS DE RUA DO RECIFE	
Maiara do Nascimento Cavalcanti Ana Carolina Vanderlei Cavalcanti	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0842209069	
CAPÍTULO 10	116
SANTUÁRIO DO BOM JESUS DO CARVALHAL, BOMBARRAL, PORTUGAL - ARQUITECTURA RELIGIOSA	
Olívia Maria Guerreiro Martins Rodrigues da Costa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.08422090610	
CAPÍTULO 11	139
POLÍTICAS ESPACIALES DEL AFECTO: EL CASO DE MONA HATOUM	
Toni Simó Mulet	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.08422090611	
CAPÍTULO 12	151
CULTURAS DE CHINA / JAPÃO / ÍNDIA: KARATE-DO E OUTRAS ARTES MARCIAIS	
Marcelo Pessoa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.08422090612	
CAPÍTULO 13	160
ONTEM E HOJE: UMA ANÁLISE CONCEITUAL DO DESIGNER INDUSTRIAL	
María Montserrat Vázquez Jiménez Raymundo Ocaña Delgado Argelia Monserrat Rodríguez Leonel Jorge Eduardo Zarur Cortés	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.08422090613	
CAPÍTULO 14	172
EL DILEMA SOBRE LAS CONCEPCIONES DEL APRENDIZAJE	
Rodolfo Enrique Campos Castorena Felipe Ángel Acosta Ramírez Ulises Alejandro de Velasco Galván Roberto Romo Marín	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.08422090614	

CAPÍTULO 15.....	187
ETNOMUSICOLOGIA, O CARIMBÓ CHAMEGADO, VISIBILIDADE E PROPAGAÇÃO DA PRODUÇÃO MUSICAL DE DONA ONETE	
Patrich Depailler Ferreira Moraes	
Paulo Sérgio de Almeida Corrêa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.08422090615	
SOBRE O ORGANIZADOR	203
ÍNDICE REMISSIVO.....	204

ENTRE O DESAMPARO JOVEM E O SAGRADO: O ESPECTRO DO GUERREIRO NOS RAPS DO GRUPO REALIDADE NEGRA DO QUILOMBO DO CAMPINHO DA INDEPENDÊNCIA

Data de aceite: 01/06/2022

Data de submissão: 21/04/2022

Renata Câmara Spinelli

FEUSP – Bolsista CAPES
São Paulo-SP

<http://lattes.cnpq.br/6023578439592555>

RESUMO: Este artigo apresenta reflexões sobre pesquisa de campo realizada de 2012 a 2015 com os rappers do Grupo Realidade Negra do Quilombo do Campinho da Independência, em Paraty-RJ, resultando na Dissertação **Grupo Realidade Negra do Quilombo do Campinho da Independência: o rap na formação da juventude negra**, apresentado à FEUSP em 2016. Os rappers foram parceiros nesta pesquisa que procurou investigar sua produção musical através da análise textual discursiva de suas canções e entrevistas sobre as doze canções de seu CD *É prus guerreiro a missão*, lançado em 2009 em show no Campinho para celebrar os dez anos de titulação de sua terra. Para esboçarmos a análise de duas canções da banda, os raps **Deus primeiro, depois os guerreiros** e *É prus guerreiro a missão*, fizemos o exercício de reflexão exploratória do termo **guerreiro** neste contexto, o que compreendemos como similar ao guerreiro da epopeia, e não da tragédia, pois que busca restaurar a história e louvar sua comunidade e não cumprir o destino trágico estabelecido para o jovem negro. Compreendemos que realizam este movimento

como um ritual em suas canções, através do qual realizam uma trajetória de emancipação da situação de **impotência** - tanto do desamparo inevitável do adolecer como diante do destino do povo negro - em direção à **potência** de mudar o seu destino. Nesta trajetória, fazem uso da **prepotência** de sua *hybris* heróica - do novo guerreiro rapper e do jovem - invocando a **onipotência** do sagrado na exterioridade para abençoar sua saga no resgate de um novo destino para o guerreiro e para o povo negro. Neste trânsito, a identidade negra busca ser compreendida para o empoderamento do povo negro que, no caso destes rappers, realizam sua epopeia sacralizando a saga do *guerreiro* rapper através da apropriação da história de seu povo.

PALAVRAS-CHAVE: Guerreiro, identidade negra, juventude, desamparo, quilombo.

ABSTRACT: This article presents some thoughts after a field research from 2012 to 2015 with the rappers from Realidade Negra Band in the Quilombo do Campinho da Independência, Paraty-RJ. It resulted in the Dissertation called **Grupo Realidade Negra do Quilombo do Campinho da Independência: o rap na formação da juventude negra** presented to FEUSP in 2016. The rappers were partners in this research which aimed to investigate their musical production by means of their lyrics discourse analysis and interviews about the 12 (twelve) songs in their CD *É prus guerreiro a missão*, launched in 2009 to celebrate their 10-year-anniversary of obtaining their territory collective property. Here, in order to draft some analysis of two songs, the raps **Deus primeiro, depois os**

guerreiros [God first and then the warriors] and *É prus guerreiro a missão* [The mission is for the warriors], we explored the term **warrior** in their context, which we understand it is referred as described in the classic epic writings, and not as in the tragedies, since it tries to restore their history and praise their community. They also avoid complying with the tragic end established to the Black youth. We understand they make a kind of ritual movement in their songs through which they perform a trajectory of emancipation from their situation of **impotence** of the unavoidable helplessness both due to the teenaging process and also before the Black people's fate - towards the search of **empowerment** to change their fate. In this movement, they make use of the **prepotence** of their heroic *hybris* – presented in the new rapper warrior – by invoking the **omnipotence** of what is sacred – God – in order to bless their saga to rescue a new fate to the Black youth. Along with this trajectory, the Black identity aims to be understood in a new shape to empower the Black people who, in the case of these rappers, perform their epic saga sacralizing the rappers' actions by embodying their people's history.

KEYWORDS: Warrior, Black identity, youth, helplessness, quilombo.

1 | O GRUPO REALIDADE NEGRA E A PESQUISA



Foto publicada pelo grupo em sua página no Facebook *Realidade Negra Rap Quilombola* em 2014 e tirada por ocasião do show da Caravana Paraty realizado no Centro Cultural Vergueiro em São Paulo em 02 Fev, 2014.

Este artigo é uma versão do capítulo da Dissertação: *Grupo Realidade Negra do Quilombo do Campinho da Independência: o rap na formação da juventude negra* e foi apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, em Natal/RN. Procurando concentrar a investigação na cultura jovem e negra, compreendemos as canções dos rappers como uma reedição de marcas ancestrais operando como uma estética de ritual de passagem dando suporte ao momento adolescente de desorganização temporária (JEAMMET, 2006)¹, e servindo, portanto, de sustentação

¹ JEAMMET, Phillippe; CORCOS, Maurice. **Novas Problemáticas da Adolescência**: evolução e manejo da dependência, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. 142 p.

durante a inevitável metamorfose e o período de transição de sua subjetividade, quando a apropriação de sua identidade negra em novos moldes se faz condição fundamental.

Na época da pesquisa a banda possuía 8 (oito) componentes: Mano Romero, MC Nelhão, Negro Naldo, B2, Daw, Rafael, AKS e Fabio, entre 23 e 35 anos de idade. O grupo expunha suas opiniões com muita propriedade nos diferentes campos, mas principalmente no que se referia à organização social do Quilombo, nas lutas em prol de sua comunidade, suas considerações políticas, a formação de sua juventude. Trabalhavam muito e muitas horas em diferentes atividades com pouca exigência de qualificação (pedreiros, garçons, fiscal do IBAMA, artesão e um na gestão pública). Alguns interromperam seus estudos por voltada 4ª ou 7ª série e alguns buscam retomar. Ao conversarmos sobre suas canções, entendemos ter compilado um acervo de depoimentos e dados sobre o seu cotidiano no período.

A hipótese inicial da pesquisa foi de que a produção artística do rap pelos jovens resultaria em músicas reveladoras das pegadas traçadas por seus ancestrais, mas também das pegadas mal-traçadas, aquelas expressando aspectos conscientes e inconscientes que teriam ficado na memória e foram há muito tempo e ainda hoje são negados, desconsiderados e reprimidos de suas culturas de povos africanos. Este processo de denegação teria se iniciado desde a subjugação dos negros escravizados obrigados a deixarem sua cultura e a assimilarem a cultura europeia dos colonizadores. Algumas características das expressões culturais adormecidas de seus povos, desde a África, se manifestariam através do rap - mas desde há muito através de outras formas musicais brasileiras também (veja VIANNA², 1995; AMARAL & SILVA³, 2006; ARAÚJO & DUPRET⁴, 2012). Neste caso, uma forma jovem e nova, o rap, com o retorno do negado e do recalcado adquirindo uma função de coesão comunitária e emancipatória para o jovem negro – uma nova roupagem revelando as marcas destas pegadas.

Ferreira⁵ (2012) apresenta uma reflexão sobre o rap como forma de reconfiguração da condição negra pela arte musical:

O rap não se resume a um fenômeno urbano dos jovens pobres e negros das grandes cidades mundiais (...) funciona como uma forma de posicionamento político e inserção social. (p.152)

A expressão musical do grupo está sendo abordada, portanto, como um feixe de vários temas, possuindo a característica de condensação de vários aspectos, típica dos rituais, procurando realizar uma tentativa de ressignificação do passado (da história do quilombo e tradições) e, por outro lado, a atualização desses significados no mundo

2 VIANNA, Hermano. **O Mistério do Samba**. 2ª. Ed., Rio de Janeiro: Zahar, 1995. 196 p..

3 AMARAL, Rita; SILVA, Vagner Gonçalves da. **Foi Conta pra Todo Canto** - as religiões afrobrasileiras nas letras do repertório musical popular brasileiro. Afro-Asia, Salvador, UFBA, no. 34, pp 189-235, 2006.

4 ARAÚJO, Anderson Leon Almeida de; DUPRET, Leila. **Entre Atabaques, Samba e Orixás**. v.1, n.1. Natal: Revista Brasileira de Estudos da Canção, jan-jun 2012. ISSN 2238-1198. Disponível em: www.rbec.ect.ufrn.br. Acesso em: 21 abr. 2022.

5 FERREIRA, Máira Soares. **A rima na escola, o verso na história**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012. 240 p.

contemporâneo, no mercado global e sua preservação através da resistência. Uma vez que os ritos, então, possuem a característica principal de serem rítmicos, tais como pegadas traçadas eles estariam oferecendo um suporte ao momento jovem e a toda uma comunidade. Compartilhamos a compreensão de Canetti⁶ (1983, p.30) acerca do ritmo, o que nos ajuda a entendê-lo como característica fundamental da organização das comunidades, bem como do rito:

O homem sempre prestou atenção aos passos dos outros homens; ele sempre teve mais consciência dos passos alheios do que dos próprios. [...] A forma mais primitiva de escrita que ele aprendeu a decifrar foi a das pegadas – era uma espécie de notação musical rítmica que sempre existiu...” (Canetti, 1983, p.31).

Assim, entendemos o rap para este grupo como um movimento ritual que busca restaurar as pegadas mal-traçadas pela história, isto é, mal-apagadas pela história mal-contada e mal-vivida, quando a imagem do “guerreiro” pode desenvolver-lhes a potência necessário cuidado do desamparo vivido (psicológico e social) e através da identidade negra promover seu acesso a direitos sociais. Este é o mote da identidade negra: caminhar em grupo, como conquista de um povo, tal qual o louvor das conquistas portuguesas por Camões⁷ em *Os Lusíadas*.

2 | O RITUAL NO MOMENTO JOVEM PARA A PSICANÁLISE

No campo psicanalítico, segundo Jeammet⁸ (2005), a ausência de ritos configura as relações expressas pelos jovens nos dias de hoje, quando “há o desaparecimento progressivo de tudo o que poderia ter valor de ritos de passagem entre esses dois mundos [jovem e adulto]” (JEAMMET, p.25), quando ele entende os ritos de iniciação como se situando “nas fronteiras do individual, corporal e psicológico e do social” (p.34). Assim, “a função do rito se assemelharia à do mito e seria uma maneira de uma dada cultura prestar contas das relações paradoxais de realidade, feitas de contradições situadas em planos diferentes” (p.36).

Jeammet⁹ (2005) sustenta que “esse enfraquecimento recente das fronteiras e o desaparecimento de todo obstáculo, tendo função de rito, permite ao adolescente fazer sua prova através de uma provação” (p.35) nos tempos atuais. Acrescenta ainda: “Esta ausência de confronto arrisca deixá-lo com um sentimento de profunda solidão e desvalorização.”(p.35) Compreendemos a noção da identidade jovem situada no feixe de questões levando-o a um estado de desamparo – entendido como resultado do transbordamento da angústia (SPINELLI¹⁰, 2003), o que levaria à impotência do ego de dar

6 CANETTI, Elias. **Massa e Poder**. São Paulo: Melhoramentos, [Brasília]: Ed. Universidade de Brasília, 1983. 531 p.

7 CAMÕES, Luiz Vaz de. **Os Lusíadas**. 4.a ed. – Lisboa, Ministério dos Negócios Estrangeiros: Instituto Camões, 2000 [1572]. 560 p.

8 Ibidem, 2005, p.25, 34, 36.

9 Ibidem, 2005, p 35.

10 SPINELLI, Renata. **Constelações da Angústia na Obra Freudiana**. São Paulo, Dissertação Lato-sensu, PUC-SP,

conta das questões e à eventual perda do controle – ou em última análise um colapso – daí a importância das marcas para a sustentação do período adolescente, devido à ameaça do colapso.

Encontramos ainda, em Fanon¹¹, o negro que revela sua experiência de desamparo tão singular e tão amplamente vivida pelos negros:

Nessa época, desorientado, incapaz de estar no espaço aberto com o outro, com o branco que impiedosamente me aprisionava, eu me distanciei para longe, para muito longe do meu estar-aqui, constituindo-me como objeto. O que é que isso significava para mim, senão um desalojamento, uma extirpação, uma hemorragia que coagulava sangue negro sobre todo o meu corpo? No entanto, eu não queria esta reconsideração, esta esquematização. Queria simplesmente ser um homem entre outros homens. Gostaria de ter chegado puro e jovem em um mundo nosso, ajudando a edificá-lo conjuntamente. (p.106)

Sem a intenção de psicologizar o sagrado, entendemos que contar com a presença do sagrado em suas diferentes formas no período jovem (mas não só neste período) seria um modo de contar com uma força maior, onipotente e exterior, para esta sustentação necessária – a crença em Deus, seja no próprio pai, totens temporários, em quaisquer outras forças ou no modo de viver orientado e/ou religioso. Por sua vez, os modelos também compõem ideais de ego que servem como forças temporárias para a labilidade jovem (heróis, guerreiros em geral, ídolos, ancestrais e, no caso aqui, entre estes quilombolas, superposições compostas por Zumbi dos Palmares, Martin Luther King, rappers de renome, e o vô Bié, por exemplo, do quilombo, e que constam em suas letras do CD analisado).

Voltando ao estado de desorganização temporária jovem, um certo desamparo, entretanto, é inevitável e necessário neste momento jovem para que sua vida ganhe a síntese de seu próprio modo de ser adulto. Entendemos, ainda, que este momento tem sido dificultado pelo esgarçamento das relações na contemporaneidade, os modos massificados de se viver, as influências midiáticas e tecnológicas determinando o movimento e migração das populações e alterando seus estilos de vida que perdem suas marcas com a rápida absorção de algo novo destituído de sentido (HALL¹², 2006), ou ainda pela valorização da **secularização**¹³ - o que entendemos também observado por JEAMMET¹⁴ (2005) em seu contexto europeu -, quando há o afrouxamento dos vínculos familiares e aumento dos fatores de risco à toxicodependência (PAIXÃO¹⁵, 2002).

Assim, entendemos que o jovem, apresentando certa configuração de soltura em

2003.

11 FANON, Frantz. **Pele negra, Máscaras Brancas**. Salvador: Edufba, 2008 [1952]. 193p.

12 HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. Ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 97 p.

13 A noção de secularização no contexto brasileiro foi discutida por AMARAL, R., 2002; MONTERO, P. 1994, e outros a partir dos modos de viver e sociabilidades em torno da religiosidade no Brasil. Veja em: AMARAL, Rita. **Xirê, o Modo de Crer e de Viver no Candomblé**. Rio de Janeiro: EDUC/ Pallas, 2002. 119p. Ainda, em: MONTERO, Paula. **Magia, racionalidade e sujeitos políticos**. V. 9, n. 26, Revista Brasileira de Ciências Sociais., out-1994. 17 f.

14 Ibidem, 2005..

15 PAIXÃO, Rui. Risco, Vulnerabilidade, Protecção, Resistência e Traumatismo. **Psicopatologia Infantil e Juvenil**, Cap.V., Coimbra: Centro de Estudos Sociais. Universidade de Coimbra. p.151-164, 2002.

seu momento de passagem, sensação de desamparo e distanciamento da presença adulta, encontra suporte no fortalecimento de laços na lateralidade (amigos, colegas), na conexão à frequência cultural jovem – principalmente musical, e buscando a presença de modelos como ideais-de-ego¹⁶ temporários. Ainda, em nossa hipótese para os jovens quilombolas, procurariam sustentação através da realização de sua produção musical e religiosa que apresentaria a estética de rituais de passagem com a recuperação e expressão atualizada de aspectos culturais fundamentais de seus antepassados.

Para encerrar este tema para o propósito aqui, vemos esta subjetividade em trânsito dos jovens como se pudessem estar conectados a uma frequência de rádio à qual os adultos dificilmente conseguissem acessar, talvez porque seja uma configuração nova, produzida pela possibilidade de expressão artístico-musical em novos moldes. Os jovens se conectam como em uma irmandade, numa linguagem própria, e afastam a demanda adulta de seu mundo, reforçando seus laços na lateralidade ao estabelecerem novos vínculos e efetuam configurações sobrepostas de ideais para sua passagem.

3 | SOBRE O QUILOMBO DO CAMPINHO DA INDEPENDÊNCIA

O Quilombo do Campinho da Independência, a aproximadamente 10 quilômetros da cidade de Paraty, no Rio de Janeiro, se situa na Rodovia Rio-Santos, km 584, em Paraty, uma cidade turística das mais visitadas por estrangeiros no Brasil. Quem visita o Quilombo, logo da rodovia avista uma indicação para o Restaurante do Quilombo. Entrando por uma estradinha de terra, saindo da rodovia, logo se encontra um agradável quiosque, um restaurante rústico em meio à natureza, onde normalmente ocorreram meus encontros com o Grupo Realidade Negra e principalmente com os dois MCs, Mano Romero e Nelhão.

Sendo um quilombo com características rurais e turísticas, cujo investimento lhes ajuda em sua sobrevivência, realizam visitas e festas programadas que fazem com que os moradores se organizem para apresentações de jongo, contação de histórias pelos griots (conhecidos contadores de histórias do povo, na África e entre os quilombolas, no Brasil), visita à roça, venda de artesanato, etc. Contam que a formação do quilombo foi marcada por três mulheres: “Vovó Antonica, Tia Marcelina e Tia Luiza, que com base no regime matriarcal, conduziram o processo de desenvolvimento local”. Conquistaram o “título de propriedade definitiva das terras, pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro, no dia 21 de março de 1999 (dia Internacional de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial)”, e lá “vivem cerca de 150 famílias em 287 hectares de terras organizados em 13 núcleos familiares”. (conforme extraído do panfleto que divulga seu *Roteiro etno-ecológico, Turismo Cultural de Base Comunitária*)¹⁷

16 O Ideal-de-ego é um conceito amplamente utilizado na Psicanálise, cunhado por Freud. De forma resumida, o ideal de ego apresenta-se como solução dos conflitos na medida em que se apresenta como o desenvolvimento do aspecto positivo superegótico que permite à criança sair da ambivalência do complexo edípico a partir de uma identificação projetiva com a figura paterna, como conceito amplamente divulgado.

17 Roteiro Etno-Ecológico, Quilombo do Campinho, **Turismo Cultural de Base Comunitária**, folder sem referência,

Carril¹⁸ (2005) esclarece:

A identificação de quilombo rural foi sendo elaborada sobre o passado comum dos grupos e construída em situação de conflito e ameaça à sua sobrevivência. A autoidentificação se fez com base no vínculo com a terra, na memória e nas tradições. O território configurou-se materialização da etnia e do direito à terra, o que diz respeito à categoria identidade. Ou seja, a vivência em um local permite aos seus moradores uma ligação e um sentimento de pertencimento a um grupo e a uma base física e simbólica. (p.24)

Não podemos deixar de observar, assim, que nos encontramos com rappers quilombolas, em um quilombo do século 21, com características rurais e turísticas, realizando uma forte luta de afirmação de sua identidade negra, e de acesso a outras identidades, tais como de rapper, de pertencimento ao grupo dos hip hoppers, de quilombola, etc. e de guerreiros valorizando sua comunidade, tal como compreendido por Arruti¹⁹ (2006) no que concerne às identidades como “categorias de acesso” como resultado de sua pesquisa no Mocambo.

4 | ISOLAMENTO, EDUCAÇÃO E INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS

Buscamos também pensar sobre o relativo isolamento geográfico do quilombo e a possibilidade de acesso da comunidade às condições básicas, principalmente à continuidade escolar. A escola dentro do quilombo só vai até a 5ª.série. A opção de continuidade dos estudos pelo jovem quilombola é dirigir-se a Paraty, distante 10,5 km. Em levantamento²⁰ feito na região de Paraty em 2013, o que incluía o quilombo, 75% dos jovens entre 18 e 24 anos não frequentavam estudos e somente 5% encontrava-se matriculado em algum curso superior. Entretanto, quando ouvimos as canções da banda, indagamo-nos: diante do pouco acesso à educação e sua continuidade, como tem ocorrido a formação destes jovens que demonstram conhecimento musical e rítmico, consciência política, capacidade de reflexão, articulação de ideias e argumentação? Por ser uma cidade turística e em crescimento, também participando do mercado em expansão, associado à mobilidade migratória para lá, a vida precária logo traz a necessidade de empregabilidade em atividades operacionais. Isto leva o jovem a encerrar logo sua carreira de estudante para que entre no mercado de trabalho (formal e/ou informal, sazonal ou não) que, exigindo pouca qualificação, logo lhe proporciona algum meio de vida.

Este fenômeno também atinge o quilombo, que devido ao seu distanciamento da

s/d.

18 CARRIL, Lourdes. **Quilombo, favela e periferia: a longa busca da cidadania**. 1ª. Ed., São Paulo: Annablume, FAPESP, 2006. 258 p.

19 ARRUTI, José Maurício. **Mocambo: antropologia e história do processo de formação quilombola**. Bauru, SP: Edusc, 2006. 370p. (Coleção Ciências Sociais)

20 Alguns índices de referência sobre a qualidade de educação do município estavam disponíveis em http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil/paraty_rj#educacao, acesso em 08 Fev 2014. O governo municipal muito tem investido para mudar essa realidade.

cidade de Paraty desestimula a continuidade dos estudos e as escolas e cursos deixam de existir como centros de convivência. Os espaços de encontro, de circulação de afeto e identificações, onde ocorre a troca dialógica de modelos e amigos, de reflexão, acabam por ser os espaços religiosos. Três igrejas protestantes marcam uma das entradas do quilombo, e na outra encontramos um galpão vazio (a ser exibido?) ao qual referem como um espaço de candomblé que não mais existe por lá. Segundo conversa informal com os jovens quilombolas, a umbanda e o candomblé “mudaram-se para a cidade”. Há algum tempo atrás um dos pastores proibiu alguns quilombolas de dançarem o jongo²¹, como uma dança associada ao diabo, a exu, mas devemos refletir sobre as formas de resistência de um povo e suas continuidades culturais (AMARAL, R.; SILVA, V., 2006) e (SILVA, V. 2011)²², pois indignados com a proibição do pastor, mudaram-se de igreja.

A questão aqui se pretende para o que segue: o que podemos imaginar/esperar como resultado das seguintes combinações: 1) jovens com grande aderência às novas tecnologias, quando as populações estão em contato com o mundo através da internet e do celular, ainda que somente nos últimos anos no Campinho; 2) a presença massiva da mídia televisiva (principalmente Rede Globo), atores, cenários, na tela e no cotidiano da cidade de Paraty e do quilombo; 3) perspectiva de pouca continuidade educacional e escolas distantes; 4) empregos sazonais operacionais como único recurso para os jovens; 5) mercado consumidor de turismo em expansão, mas também de drogas²³; 6) instituições religiosas com propostas de recuperação de autoestima, de integração de seus modos de viver, catarse de seus afetos, encaminhamento de sua sensibilidade musical, encontros de jovens, controle da *hybris* com proposta de ordenação pessoal e conquista de direitos e capacitação em instrumentos musicais, ou melhor: fazendo o papel que é esperado a ser realizado pela educação através do Estado. Como relata Abumansur²⁴ (2011), a respeito de uma vila na costa sudeste brasileira:

O Ariri, hoje, é um lugar com várias pousadas, restaurantes e passeios turísticos programados. Sua proximidade com a vila do Marujá, na Ilha do Cardoso, tem atraído muitos turistas, para alegria dos moradores e tristeza dos saudosistas. Na esteira do “progresso” vêm também os problemas (drogas, bebidas e adolescentes grávidas) e, na esteira dos problemas, vêm os pentecostais com as soluções. (ABUMANSUR, 2011, p.398)

Entendendo que as pessoas se ajeitam e se organizam em seus modos de vida,

21 Interessante discussão sobre a religiosidade do quilombo, com opinião de diferentes atores, encontra-se disponível em <http://cnnbca.blogspot.com.br/2008/05/quilombo-evangelizao-e-contradio.html>, acesso em 16 Abr, 2022.

22 Ibidem, 2006. E, também, Ainda, SILVA, Vagner Gonçalves da. **Religião e Identidade Cultural Negra**: católicos, afrobrasileiros e neopentecostais. Departamento de Antropologia da USP, v. 20. São Paulo: Revista Cadernos de Campo, jan-dez, p 295-303, 2011.

23 Um morador indignado criou uma página no facebook a respeito das mortes (em sua maioria em torno do uso e tráfico de substâncias psicoativas, segundo informação dos moradores do quilombo e de Paraty). Disponível em <https://www.facebook.com/ContadorDeHomicidioDeParaty>, acesso em 08 Fev, 2014. Veja também em: Violência em Paraty: o que fez Roberto Saviano cancelar presença na Flip - 04/07/2015 - UOL Entretenimento, acesso em 16 Abr, 2022.

24 ABUMANSUR, Edir. A conversão ao pentecostalismo em comunidades tradicionais. **Dossiê: Pentecostalismo no Brasil**. Horizonte, Belo Horizonte, v. 9, n.22, p. 396-415, jul./set.2011. ISSN 2175-5841 (Online).

no estabelecimento de relações que as sustentem (AMARAL, 2002)²⁵ e apaziguam suas angústias (SPINELLI, 2003)²⁶, permanece a hipótese de que a formação da população nas cidades ao longo da Rio-Santos (não somente no quilombo e não somente em Paraty) tem contado com a forte presença das igrejas pentecostais em seus atuais arranjos nos modos de viver. Assim como a expansão das drogas, mas talvez, em diferentes medidas, ambos, não sendo excludentes, têm se apresentado como opções para os jovens - não que seja diferente nas grandes cidades, como propostas integradoras para solucionar as contradições sociais em diferentes planos. Sem a oferta de capacitação pessoal, reduzem-se as opções de instituições.

Dentre os papéis, portanto, que as instituições religiosas assumem, um seria o de aglutinadoras e organizadoras dos modos de viver, mas, principalmente, de integração comunitária, de educadoras, capacitadoras e qualificadoras de mão de obra, abrindo a perspectivas profissionais e de ocupação que se esperariam serem providas pela formação escolar. No caso do tema presente, o alento ao desamparo jovem, entendemos que a figura do “guerreiro” pentecostal colabora com um etos religioso para compor um etos antropológico e psicológico para o lábil jovem – em suma, um lugar, condensado pelo raciocínio religioso, portanto sacralizado.

Diante de aspectos atribuídos à modernidade, as mudanças nas tradições dos quilombolas – por fluxos migratórios, principalmente determinadas no período de construção da estrada Rio-Santos, inaugurada em 1970, a redução do tamanho da terra no momento da titulação da terra do quilombo, a apropriação de seu território por grileiros e grandes condomínios no entorno, o que alterou os costumes e modos de viver da comunidade familiar, podemos observar que a recuperação de alguns costumes contou com a presença de ensinamentos e suturas realizadas por conhecedores da história em visitas ao local, quase tal qual um processo de reafrikanização. Tomemos o Jongo, por exemplo. A apresentação da dança tem oferecido um novo etos antropológico para a comunidade, mas não sabemos o quanto o etos psicológico de seus membros está sendo transformado e sustentado pelo grupo a partir do redimensionamento de sua cultura para além de conquistas de ordem prática – financeira e turística.

Enfatizar as produções locais e as determinações do entorno evita que teorias abstratas de termos amplos demais venham se apropriar da questão fundamental da singularidade de um contexto onde os modos de viver de um grupo possuem sentido. Num contexto onde a secularização seja discutível apesar do argumento fatalista da modernidade, talvez não seja possível a reafrikanização, mas há alguns que têm buscado este resgate, ainda que tivesse havido diluição demais de algumas expressões religiosas ancestrais. Assim, nas indagações presentes apresenta-se a questão: é possível separar religião e cultura, principalmente quando buscamos compreender os modos de viver brasileiros e sua

25 Ibidem, 2002..

26 Ibidem, 2003.

ancestralidade negra e indígena? Não estaríamos realizando um depuramento impossível e tomando a religião como um apêndice da cultura, algo que só a reforçaria como um ornamento, mera alegoria da anterior? Não ficaríamos com o espectro e teríamos o sentido esvanecido, quando então estaríamos reincidindo na desqualificação dos modos de viver do povo negro?

Como estamos compreendendo, então, a proposta ordenadora do desamparo em sua vivência subjetiva e da condição negra, dos jovens rappers quilombolas, ancorados em seu contexto?

5 | ENTRE O DESAMPARO E O SAGRADO: A PREPOTÊNCIA DE PENSAR OS ÂMBITOS DE IMPOTÊNCIA, POTÊNCIA E ONIPOTÊNCIA

Procurando desdobrar os termos em um jogo de palavras, buscamos complexificar a compreensão desta passagem jovem, como se dialéticas pudessem se tornar trialéticas um dia numa tentativa de nos aproximar da pluralidade de feixes que compõem as experiências, que se sobrepõem e encontram outras instâncias na construção da vida, para a ampliação do conflito dual de oposição. Imagina-se, assim, que tal jogo poderá contribuir para a reflexão do etos psicológico e antropológico deste jovem, como uma metapsicologia. Assim, proponho, na construção das articulações defensivas contra a angústia durante o desamparo jovem inevitável enfrentado pela passagem, a reflexão dos termos **impotência**, **potência**, **prepotência** e **onipotência**.

A **impotência** pode ser entendida como a falência, a completa falta de forças de compreender-se no início do estado jovem e, também, da condição negra quando escravizados ou sofrendo preconceito; a busca pela **potência**, resituando a força e reconstruindo a condição negra em moldes de valorização como fundamental para a luta genuína, bem como a potência de efetuar a luta jovem inevitável de construção do futuro modo de ser adulto, sua busca de emancipação. Na trajetória deste movimento crescente, a **onipotência** está projetada como a força atribuída aos ideais de ego, ou aos modelos, ou aos ancestrais, ou, principalmente, ao divino, àquele que tudo pode, que nas canções é o Deus que lhes vem abençoar a luta. Sacraliza-se a luta, quando também são representantes da disputa pelo espírito santo para legitimar a identidade negra (BURDICK²⁷, 1999). Ainda, é claro, a **prepotência** do herói, do guerreiro, que só por isso ousa enfrentar uma realidade que impõe ao negro uma condição de desamparo eterno, contra o que decidem lutar.

É um processo que procura legitimar suas lutas, suas ações, com a busca pelo pertencimento comunitário, em nome da comunidade e com a bênção do sagrado. Este movimento de potência direcionado a uma ação validada pelo sagrado controla a *hybris*, o excesso, o exagero, administra a prepotência do herói, resituando-o na luta comum, pela comunidade, em oposição a uma luta narcísica, egóica, individualista. A onipotência

27 BURDICK, John. **What is the Color of the Holy Spirit? Pentecostalism and Black Identity in Brazil**. vol.34, n.2, Syracuse University: Latin American Research Review, 1999. 23 p.

é atribuída a um modelo (ideal de ego) e em maior escala a Deus, ao sagrado. Sacralizam seus modos de viver já que sua luta é também para louvá-lo, conforme entendemos no título “Deus primeiro depois os guerreiros”, do CD do Realidade Negra, onde encontram-se as duas canções que analisaremos aqui.

6 | A POTÊNCIA DA IDENTIDADE NEGRA COMO DEFESA CONTRA AS FORMAS DE DESRESPEITO SOFRIDAS PELO POVO NEGRO

As virtudes politeístas, plurais, múltiplas, sensuais, corporais dos povos negros não combinavam com a expectativa de um obediente escravizado, como esperado pelos colonizadores acumuladores de riqueza. A negação de expressões de sua cultura, dispersão da união das pessoas negras, afastamento de seu grupo, deslocamentos territoriais, desde a África, foram medidas utilizadas para o amansamento. A articulação defensiva de negação de aspectos da cultura negra pelos colonizadores e a atribuição de transparência à sua condição humana foram práticas comuns como modo de eliminar recursos culturais humanos tão ricos para lidar com a vida e sentir prazer, tão conectadas ao corpo e seu movimento, como praticadas pelo povo negro. A inibição das expressões culturais africanas – seja da língua ou da execução de suas práticas de danças, por exemplo, contribuiu, portanto, para a redução das possibilidades de expressão humanas.

A Psicanálise, em sua estrutura, pode argumentar que elas se mantêm no inconsciente. Podemos entender que a repressão das culturas foi – e sempre é – o caminho do que há de mais cruel no humano para a realização de domínio sobre o outro visando acúmulo de riquezas e poder, restringindo – mas não conseguindo eliminar – a pluralidade das possibilidades que as expressões de vida proporcionam. Ainda assim, a pluralidade vem se mostrar em novas roupagens. Poderíamos dizer, assim, que o cristianismo imposto como moral aos negros escravizados no Brasil-colônia pode ter auxiliado na constrição, mas que marcas mnemônicas inconscientes encontram modos de se fazer expressar, através das artes negras. Não bastando arremessar a pele negra na impotência servil, posteriormente, em nova edição, a submissão fora imposta através da prática cotidiana do preconceito. É o reconhecimento desta naturalização do desrespeito que supomos acionar a chave do empoderamento. No viés da frágil subjetividade humana e suas necessidades psicológicas fundamentais, as oferendas, sacrifícios, pedidos de bênçãos, são todos linguagens de comunicação com forças invisíveis, das quais nunca nos prescindimos para lidar com o profundo desamparo a que estamos sujeitos.

Entretanto, isto não significa que as formas de desrespeito do outro em sua humanidade tenha sido eliminada – ela ainda é cotidiana e encontra-se por vezes naturalizada nas relações, como vemos no exemplo abaixo:

Conta-se que um homem colocava flores sobre o túmulo de um parente, quando viu outro homem colocar um prato de arroz na lápide ao lado. De forma desdenhosa, lhe perguntou: O senhor acha mesmo que o defunto

virá comer o arroz? Mais do que depressa, respondeu o interpelado: **Certeza absoluta. No mesmo momento em que o seu vier cheirar as flores.**²⁸

71 O RAP

Considerar o rap, produzido pelo jovem, pobre e excluído, em sua maioria negro, como uma produção musical de ritmo simplório ou com discurso verborrágico é destituí-lo de valor. É negar-lhe a sabedoria, desvalorizar a riqueza dos conteúdos transmitidos e reincidir no erro de silenciá-lo. Desta forma, gostaria de oferecer a análise do discurso do rap como um discurso epopeico que narra a história da experiência vivida pelos ancestrais destes jovens, e os elege como “guerreiros” – da epopéia e não da tragédia, como já dissemos e podemos observar nas letras do Grupo.

Compreendemos que em suas canções encontram-se condensadas, como nas manifestações artístico-culturais dos jovens – no caso aqui, musicais, destes rappers –, aspectos da opressão vivida por gerações passadas, a marcação de um ritmo cheio de significação, a afirmação de sua ideia de identidade comunitária, principalmente quilombola, além das sustentações laterais de pertencimento a seu grupo de jovens. Parecem revelar, ainda, consequências e descompassos da cultura globalizada onde estão inseridos ou excluídos, além de uma solicitação para a inserção e respeito de significados de sua cultura pelos espaços institucionais que querem frequentar e não sentem pertencer, como a escola e outros.

Por meio do rap, marcam um ritmo que pedem para ser a marcação de sua fala, que pode então se compor de palavras que estão há muito para serem ditas. Revelam o descompasso social em relação a seu ritmo e a negação dos significados locais que lhe inserem na sociedade. O rap se apresenta como uma versão jovem de expressão musical, mas não exclusiva no endereçamento de questões sociais.

É com estas reflexões que procuramos apresentar abaixo, duas canções dos rappers com um termo recorrente – o “guerreiro”.



Imagem da Capa do CD do grupo, lançado em 2009. Ao fundo, em vermelho, o mapa aproximado do Quilombo.

28 Disponível em: http://www.momento.com.br/pt/ler_texto.php?id=2854&stat=0, acesso em 16 Abr, 2022.

8 | O CD *É PRUS GUERREIRO A MISSÃO*

O CD *É prus guerreiro a missã* do grupo Realidade Negra, possui 12 faixas e temática fortemente social. Foi gravado em novembro/2009, ao vivo. Transmitindo mensagens educativas e de protestos compõe, através de suas músicas, temas sobre a importância da ancestralidade para sua comunidade, a histórica opressão negra e escravidão, nostalgia da infância, apelo ao fim da violência social, amor, Deus e eventos do cotidiano da comunidade. É formado por guitarras, baixo, teclados, bateria, backs e os MC's, resultando numa originalidade especial e demonstrando sua versatilidade no uso do berimbau e de instrumentos de percussão, incluindo o bongô. Encontramos no encarte do CD muitos agradecimentos – e a dedicatória aos ancestrais: “A família RN dedica esse trabalho à Vó Adelaide (em memória) e ao Vô Bié...” (encarte do CD Realidade Negra – *É prus guerreiro a missã*, penúltima página, Nov/2009).

9 | SOBRE O GUERREIRO DA EPOPEIA: DA IMPOTÊNCIA À POTÊNCIA DE RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA



Fotos extraídas livremente de sites da internet, comumente publicadas, sem possibilidade de reconhecimento da fonte.

Como em todos os raps, a análise de conteúdo, do discurso, permite muitas interpretações. No que se refere à análise da forma literária do texto escrito, similitudes podem ser traçadas mais com uma epopeia²⁹ do que uma tragédia. Desta forma, o herói trágico, realizando sua saga que por vezes pode até se compor de uma forma delirante em função de sua autovalorização e individualismo, correndo atrás de si mesmo (vide Dom Quixote³⁰), é diferente do guerreiro da epopeia.

A saga epopeica concentra a *hybris* que está na indignação, na denúncia, no lamento, na terrível constatação do trágico vivido pelo ancestral negro pobre, a violência sofrida, e retomar o heroísmo do povo. A narrativa busca, portanto, a valorização de um modelo identitário e a conquista territorial ao longo dela. O herói (ou heroína aqui não se pretende ressurgir como vantagem individualizada de destaque, mas como ações em prol do povo

²⁹ “A epopeia é um conjunto de acontecimentos históricos narrados em verso e que podem não representar os acontecimentos com fidelidade, porém, apresenta fatos com relevante conceito moral e atos heróicos, por exemplo, transcorridos durante guerras, ou relativo a fenômenos históricos, lendários ou míticos e que são representantes de uma determinada cultura.” Disponível em <http://www.significados.com.br/epopeia/>. Acesso em 16Abr, 2022.

³⁰ CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. *Dom Quixote de La Mancha*. 3ª. Ed, São Paulo: Editora 34, 2017. 704 p.

(quando criação artística, valorização da vida e luta pelo grupo) se apresentam intrincados. É um herói coletivo, esta proposta de guerreiro da identidade negra. Não é como o herói grego do renascimento, não é dom Quixote, não é sem caráter como Macunaíma³¹, mas é essencialmente identidade porque não se pretende destacar para fora do grupo – mas em ações para este. É neste contexto que se compreende a identidade negra nestas canções, cuja afirmação subjetiva se dá na horizontalidade espacial do território e na verticalidade temporal da luta histórica pelo enraizamento nesta territorialidade que o exclui, a partir do resgate da memória e que temporalmente é repleta de sentidos.

Tanto a epopeia quanto a tragédia imitam homens superiores, aprendemos com Iray Carone³². A ênfase aqui em trazer a epopeia é devido tanto à ênfase atribuída à narrativa, ao tema da luta cotidiana, quanto à personagem (LUKÁCS, G. 2000)³³ que se busca analisar. A epopeia é estruturada em 5 elementos básicos: 1) Proposição ou exórdio: é a apresentação do tema e do herói –os rappers (hiphoppers são os heróis, guerreiros) e o tema é sua luta, sua causa negra de conquista de uma nova história; 2) Invocação: o poeta pede auxílio às musas inspiradoras(os rappers realizam a invocação de Deus) ; 3) Dedicatória ou ofertório ou oferecimento = o poeta dedica a obra aum protetor (os rappers fazem sua dedicação à comunidade e à ancestralidade) ; 4) Narração: é o desenvolvimento do tema e das aventuras do herói, com a narração de fatos históricos (como observamos no enredo dos raps); 5) Epílogo: é o remate, o encerramento do poema (sua luta: uma causa justa de acesso a direitos negados).

10 | TRECHOS DE *DEUS PRIMEIRO DEPOIS OS GUERREIROS*³⁴ (5A. FAIXA DO CD)

Diretamente do Quilombo os neguinhos se assume // É muita treta quando os guerreiros se une

Os grafiteiro, os B.boy, os DJ e os MC // Deus é primeiro, quem vai nos impedir

Iniciam reconhecendo-se como guerreiros, assumindo-se como quilombolas e hiphoppers. Treta³⁶ é luta, batalha, briga, segundo o MC Nelhão. Invocam os demais

31 ANDRADE, Mario de. *Macunaíma - o Herói sem Nenhum Caráter*. 1ª. Ed., São Paulo: Penguin Companhia, 2016, 240p.

32 Grupo de estudos ministrado por Iray Carone, “Iluminações da Tragédia Grega sobre a Psicanálise: um estudo da Poética de Aristóteles”, 1º. Semestre/1998.

33 LUKÁCS, Georg. *A Teoria do Romance* – um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. 1ª. Ed. São Paulo: Editora Duas Cidades/Editora 34, 2000 [1965]. 240 p. (Coleção Espírito Crítico). Segundo Georg Lukacs, o herói da epopéia é diferente do herói da narrativa ficcional, pois o primeiro está envolvido em um destino e para ele não existe moral ou amoral, já que está interligado com a vontade dos deuses. Assim, ele se comporta como um *semi-deus*. No caso dos *Lusíadas*, de Camões, o herói é o povo português. Ao contrário, o herói no romance é individualizado e humanizado e não é mais um ser quase divino. Tomemos como exemplo a obra que representa o início do romance moderno: *Dom Quixote de la mancha*, de Cervantes, que é totalmente o oposto do herói da epopéia, vivendo num tempo que não existe mais, com valores que não são mais válidos para o seu tempo.

34 Disponível em: Deus Primeiro, Depois os Guerreiros - YouTube, acesso em 16 Abr, 2022.

35 Em entrevista com os MCs Romero e Nelhão, eles definiram “guerreiro” como todos nós, aqueles que correm pra cuidar da vida *pelo certo*, cuidando todo dia, de forma humilde. Pergunto se seria o oposto do malandro, ao que Nelhão respondeu que sim, o oposto daquele que não batalha por sua vida.

36 Treta: Ainda que aqui nossa interpretação privilegie batalha, conspiração, armação, esta é uma discussão interes-

hiphoppers como guerreiros com a mesma luta. Guiados por Deus, quem os dirige e, portanto, sua força, sua luta, se justifica. Das partes da epopeia, invocam deus, musa monoteísta possível para o quadro pentecostal.

***Aqui é tudo nosso, chega mais sangue bom // Pra junto evoluirmos e fazer revolução
Guerreiros e guerreiras que já tão na missão // Me influenciaram, agora é “nóis”, tiozão
Truta, liga “nóis” no que precisar // Me resgataram, eu to aqui pra resgatar***

Aqui surge o tema: juntar guerreiros para evoluírem e fazer revolução. Tiozão é um modo irônico de se dirigir a talvez um inimigo, ou à geração que o oprime (mais velho e detentor de poder). Resgatar faz surgir a ideia do resgate religioso, cuja nova posição de pertencimento provoca a necessidade de aumento de adeptos, catequese, crescimento.

***O exército de calça larga e pele preta // Vixi é muita treta, vixi é muita treta³⁷.
Porque o povo unido estremece o sistema // Se juntos bater de frente, vai causar muito
problema
Se quer melhoras, só depende de você // Descruzar os braços e fazer acontecer
A vida é louca, eu ouço isso o tempo inteiro // Eu e você, você e eu, ‘nóis’ é guerreiro’***

O exército de calça larga e pele preta são os guerreiros, soldados (de Deus?) que avançam, crescendo (evoluindo e resgatando). “É deus primeiro” permite uma reflexão sobre o controle da *hybris* do herói – é deus primeiro (não você), não seu ego, seu narcisismo, o que tem que fazer avançar.

***O exército de calça larga e bombeta // Vixi é muita treta, vixi é muita treta
É Deus primeiro parceiro, não se esqueça // Vixi é muita treta, vixi é muita treta***

Na valorização da pluralidade, numa linguagem justaposta o exército aqui é, ao mesmo tempo, o grupo de guerreiros negros que vão avançando e aquilo que o negro observa da polícia sobre ele – calça larga e bombeta chegando para prendê-lo, arrastá-lo, fazendo lembrar da violência contra o jovem negro. Essa possibilidade de justaposição de ideias, quando a mesma sentença propicia a imagem de algo e de seu avesso é uma das características ricas do pensamento africano em tantas expressões. Esta riqueza de linguagem é o oposto da linguagem descritiva que procura retratar algo que se supõe próxima ao real. O pensamento lógico aqui é arrancado para produzir, ao mesmo tempo, inúmeras imagens, e assim também encontramos a alegoria, quando mais do que uma figura semântica de anfibia (ambiguidade) se apresenta – neste caso, múltiplas imagens: está mais para a polissemia. Dentro do campo informal da linguagem, típico do rap, tal característica não deve ser entendida com o nome que lhe atribuí a lógica, figuras de linguagem como um “vício de linguagem” a ser evitado, mas apresentando a característica

sante sobre as figuras de linguagem utilizadas, incluindo a justaposição de sentidos na palavra – sua multiplicidade, sentido plural, tão comum em várias palavras de origem africana.

37 O grupo de rappers Racionais MC's gravaram uma música com o refrão “Vixi, é muita treta”, chamada “Apocalipse 16”, gravada em 2000 e que pode ter servido de inspiração para esta canção: Disponível em: <http://www.radio.uol.com.br/#/letras-e-musicas/racionais-mcs/muita-treta/1698801>.

positiva da eclosão de diferentes imagens e possibilidades interpretativas - uma virtude. Por que insistiríamos em reduzir as ricas e polissêmicas possibilidades oferecidas pela influência afroindígena em nossas produções a uma lógica desqualificadora? Poderíamos principalmente chamar de paradoxo – como um exército pode ser um grupo e seu grupo opressor ao mesmo tempo? E também representar o vestuário hip hopper?

***Ele é o Deus do impossível // E o mesmo Espírito intercede por nós
Com gemido inexprimível // Faz parar o sol, acalma a tempestade
Abre o mar e da rocha sai água // Pois ele está adiante de mim***

O Deus do impossível é o Deus que faz milagres. Não sei o que pensar a respeito desse gemido (nem precisaria gritar para realizar os milagres?), e é o dono da transformação. É a constatação/argumento do merecimento de ser aquele “acima” de mim – forte e onipotente, onde ou em quem posso ancorar minha impotência e ter potência.

11 | TRECHOS DE É PRUS GUERREIRO A MISSÃO³⁸ (8ª.FAIXA DO CD)

***Realidade Negra tá chegando na cena // Sempre no corre esse é o nosso lema
Pra somar desse jeito cheio de disposição // Eu quero te dizer é ‘prus’ guerreiro a missão
Correndo enquanto é tempo // Ligando os manos // Dizendo pra eles, Jesus está voltando***

O grupo apresenta-se, autodenominam-se guerreiros e com uma missão a cumprir (otema da epopeia). Colocam-se na tarefa de “ligar” os manos com o conhecimento da volta de Jesus. A volta de Jesus, no evangelho, pode ser entendida como um critério balizador dos comportamentos, já que ele virá para fazer a seleção dos que foram bons e aqueles que não foram. Esta frase sintética revela que a volta de Jesus deve servir como ordenadora moral do comportamento e atitudes atuais.

***O crime está a cada dia crescendo // O mundo tá louco e os irmãos tão morrendo
Pra viver nele tem que ter coragem // E no governo tá cheio de crocodilagem
Um querendo ganhar mais que o outro // Enquanto muita gente vivendo no sufoco
Você não sabe em quem vai acreditar ‘morô’ // Dá vontade de rasgar seu título de eleitor
Tantos candidatos que parece ser bom // De repente ele é preso por corrupção
Percebeu como tá o mundão?***

A consciência das desvirtudes - crime, crocodilagem, exploração, opressão, desconfiança, situa o jovem atual (não só quilombola), na procura de aderir a algo já que a sociedade encontra-se esgarçada por perversões e exploração – em quem confiar, então? Crocodilagem é um termo que serve como amálgama das imagens que temos do que ocorre no governo.

***Não vamos rebaixar a isso aí / Se é pra lutar siga exemplo de Zumbi
Que lutou pra ganhar a liberdade / Para que meu povo vivesse a vontade***

³⁸ Vídeo da música disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Wn3mI2mKp-E> . Acesso em 16 Abr, 2022.

Recuperam um guerreiro a ser imitado, Zumbi, como guerreiro negro de seu povo (e não de si mesmo), modelo.

A ciência evoluindo, desemprego a todo lado // Pra 'arrumá' um trampo tem que ser concursado

Né fácil não //é 'prus' guerreiro a missão

Recuperam as dificuldades encontradas em seu cotidiano, de desemprego, a despeito da ciência estar evoluindo. De algum modo, também ajudando a perguntar: “de que forma a evolução da ciência está ajudando a mudar este estado de coisas e relações sociais? A quem está beneficiando?” Reiteram a dificuldade e apontam que são os “guerreiros” que têm a missão.

Mesmo sabendo que as dificuldades são constantes // Sem emprego, sem dinheiro, é daquele jeito

Revolta bate num instante // Guerreiro que é guerreiro não vai se entregar

Sabemos que nada é fácil, mas vale a pena tentar

Aqui eu faço a minha parte cumpro minha missão

Desejo felicidade pros meus irmãos //A missão é 'prus' guerreiro e só quem é sabe

O rap é compromisso não é viagem // Eu tenho a certeza e a convicção

Jesus quer os guerreiros // é 'prus' guerreiros a missão // Refrão

Retomando as dificuldades, não negam sentir revolta. Sugerem então a saída para o guerreiro não se entregar, fazer sua parte, cumprir a missão. Desejando felicidade para os irmãos, coadunam-se com o sucesso da missão da irmandade – pela primeira vez agora incluindo o rap como compromisso para esta missão que cumpre o desejo de Jesus.

Oh, se liga só // Veja realmente quem te quer numa pior

Não entra nessa parada de fazer parada errada // Tem que ser guerreiro e seguir uma nova estrada

Aqui no RN eu sou mais um guerreiro // Não estou sozinho pois conto com os meus parceiros

E a força maior que vem de Deus // Senhor abençoe esse humilde filho seu

Enquanto deixar vou trilhando meu caminho // É estreito mas eu vou prosseguindo

Me livra da malícia desse mundo // Não deixa que o barco da minha vida se afunde

E me livra da ambição // É 'prus' guerreiro a missão

Pede atenção ao inimigo que pode querê-lo numa pior, propõe que siga uma nova estrada (não a errada), não está sozinho (compartilhando e validando sua luta com a comunidade, irmandade), sustentando-se com a força de Deus (em nome de quem o guerreiro avança). Terminando a **oração do guerreiro**, diríamos, reconhece-se humilde, coloca-se na mão de Deus que é senhor de seu destino, pede a benção para continuar seu caminho (mesmo estreito), livrá-lo da malícia (do mal, desgraça e ambição, da *hybris*), reforçando seu compromisso de realizar sua missão no rap, como guerreiro que é.

12 | CONSIDERAÇÕES

A busca de valorização dos aspectos formadores da cultura brasileira solicita consideração especial para a noção de cultura, em sua íntima associação ou indissociação da religião. A valorização das singularidades, o reconhecimento dos sinais diacríticos e do entorno que ajudam a produzir os modos de viver dos povos, no caso presente, dos quilombolas, são fundamentais para a legitimação do respeito e enfrentamento da desconsideração até hoje imputadas a eles. Tornar periféricas as culturas é desqualificá-las, reincidir na injustiça e na negação de que há uma conta a pagar – um reparo social que talvez possa iniciar-se ao dar-se voz, não só aos rappers do Grupo Realidade Negra, mas às comunidades tradicionais em sua luta por visibilidade e reconhecimento. A proposta metodológica dos estados de impotência, potência em construção, prepotência do guerreiro e apoio de um ser onipotente para compreendermos o movimento do lugar do desamparo em nome do sagrado e em direção à conquista de direitos teve o objetivo de ajudar a interpretar o movimento dos rappers nestas canções, bem como a compreensão da metáfora do guerreiro da luta coletivo encontrado na epopeia.

Para o negro incluir-se na sociedade de forma mais igualitária é necessária a força de toda uma comunidade, e fazê-lo em nome de Deus, pela comunidade, para ela. Além dos ideais sobrepostos como modelos e exemplos para sua jornada, cabe o estabelecimento da missão como a ação de um guerreiro que, por sua vez, também se configura na busca de múltiplas sobreposições de modelos, como categorias de acesso – acessar a identidade negra em novos moldes, de rapper, de evangélico, de quilombola, de cidadão, entre outros, no caminho de acesso a direitos para toda a comunidade.

As noções de desamparo e sagrado buscaram empoderar o rapper guerreiro retirando-o da impotência em direção à potência concentrada na imagem da conquista para a comunidade portadora da identidade negra, com a bênção da onipotência. Com o caráter educativo e formador de sua arte, avançam aumentando a irmandade e elaboram a saga de reconstrução de sua própria história, tal como encontramos publicado no facebook³⁹ pelo MC Nelhão, a quem passo a palavra:

Palmares era assim, um lugar bem sossegado
Os preto lado a lado, tudo aliado
A mística, o sonho de rever nossa mãe
África Angola, Nigéria, Zimbábue, Arábia
Tudo acorrentado dentro de um navio
Tomando chibatada até chegar no Brasil
Mais de 500 anos depois pouco mudou
Ligou? Na verdade só o tempo passou
Naquele tempo tinha o capitão do mato
Que era o mó traíra, tremendo atrás
lado Ficava na espreita, pra ver quem fugia
Muito parecido com quem hoje é a polícia
Se liga, muitos morreram pra você viver
Orgulho tem que ter, resposta e proceder
Vai vendo, curte pois você ainda é pequeno
Ainda é criança e não sabe do veneno
Menino, você é o futuro desse jogo
Pra resgatar de novo, a honra desse povo
Quando fizer 18 você vai se alistar
E vai se preparar para guerra enfrentar
Então se liga.

39 Publicado no facebook do Realidade Negra rap quilombola em 17 de dezembro de 2013

REFERÊNCIAS

- ABUMANSUR, Edir. A conversão ao pentecostalismo em comunidades tradicionais. **Dossiê: Pentecostalismo no Brasil**. Horizonte, Belo Horizonte, v. 9, n.22, p. 396-415, jul./set.2011. ISSN 2175-5841 (Online).
- AMARAL, Rita. **Xirê, o Modo de Crer e de Viver no Candomblé**. Rio de Janeiro: EDUC/ Pallas, 2002. 119p.
- AMARAL, Rita; SILVA, Vagner Gonçalves da. **Foi Conta pra Todo Canto** - as religiões afrobrasileiras nas letras do repertório musical popular brasileiro. Afro-Asia, Salvador, UFBA, no. 34, pp 189-235, 2006.
- ANDRADE, Mario de. **Macunaíma - o Herói sem Nenhum Caráter**. 1ª. Ed., São Paulo: Penguin Companhia, 2016, 240p.
- ARAÚJO, Anderson Leon Almeida de; DUPRET, Leila. **Entre Atabaques, Samba e Orixás**. v.1, n.1. Natal: Revista Brasileira de Estudos da Canção, jan-jun 2012. ISSN 2238-1198. Disponível em: www.rbec.ect.ufrn.br. Acesso em: 21 abr. 2022.
- ARRUTI, José Maurício. **Mocambo: antropologia e história do processo de formação quilombola**. Bauru, SP: Edusc, 2006. 370p. (Coleção Ciências Sociais)
- BURDICK, John. **What is the Color of the Holy Spirit? Pentecostalism and Black Identity in Brazil**. vol.34, n.2, Syracuse University: Latin American Research Review, 1999. 23 p.
- CAMÕES, Luiz Vaz de. **Os Lusíadas**. 4.a ed. – Lisboa, Ministério dos Negócios Estrangeiros: Instituto Camões, 2000 [1572]. 560 p.
- CANETTI, Elias. **Massa e Poder**. São Paulo: Melhoramentos, [Brasília]: Ed. Universidade de Brasília, 1983. 531 p.
- CARRIL, Lourdes. **Quilombo, favela e periferia: a longa busca da cidadania**. 1ª. Ed., São Paulo: Annablume, FAPESP, 2006. 258 p.
- CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. **Dom Quixote de La Mancha**. 3ª. Ed, São Paulo: Editora 34, 2017. 704 p.
- FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: Edufba, 2008 [1952]. 193p.
- FERREIRA, Máira Soares. **A rima na escola, o verso na história**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012. 240 p.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. Ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 97 p.
- JEAMMET, Phillippe; CORCOS, Maurice. **Novas Problemáticas da Adolescência: evolução e manejo da dependência**, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. 142 p.

LUKACS, Georg. **A Teoria do Romance** – um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. 1ª. Ed. São Paulo: Editora Duas Cidades/Editora 34, 2000 [1965]. 240 p. (Coleção Espírito Crítico).

MONTERO, Paula. **Magia, racionalidade e sujeitos políticos**. V. 9, n. 26, Revista Brasileira de Ciências Sociais., out-1994. 17 f.

PAIXÃO, Rui. Risco, Vulnerabilidade, Protecção, Resistência e Traumatismo. **Psicopatologia Infantil e Juvenil**, Cap.V., Coimbra: Centro de Estudos Sociais. Universidade de Coimbra. p.151-164, 2002.

Roteiro Etno-Ecológico, Quilombo do Campinho, **Turismo Cultural de Base Comunitária**, folder sem referência, s/d.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Religiões afro brasileiras**: construção e legitimação de um campo do saber acadêmico (1900-1960). São Paulo: Revista USP. USP-CCS, n.55, p.82-111), 2002.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Religião e Identidade Cultural Negra**: católicos, afrobrasileiros e neopentecostais. Departamento de Antropologia da USP, v. 20. São Paulo: Revista Cadernos de Campo, jan-dez, p 295-303, 2011.

SPINELLI, Renata. **Constelações da Angústia na Obra Freudiana**. São Paulo, Dissertação Lato-sensu, PUC-SP, 2003.

VIANNA, Hermano. **O Mistério do Samba**. 2ª. Ed., Rio de Janeiro: Zahar, 1995. 196 p.

Referência de áudio:

Realidade Negra. É plus **guerreiro a missão**, ao vivo, Rap, Paraty-RJ. Novembro de 2009. CD

Canção Deus Primeiro, depois os Guerreiros. Disponível em: Deus Primeiro, Depois os Guerreiros - YouTube. Acesso em 16 abr. 2022.

Canção É plus Guerreiro a missão. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Wn3ml2mKp-E>.. Acesso em 16 abr. 2022.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afecto 139, 145, 146, 147, 148, 149

Afeto 55

Anthotype 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84

Arquitectura 116, 137, 138, 170, 171

Arquitectura religiosa 116

Arquitetura 42, 46, 47, 86, 90, 91, 100, 101, 118, 129, 130, 162

Arte 22, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 50, 65, 79, 84, 85, 101, 104, 110, 137, 139, 140, 143, 144, 145, 147, 148, 150, 152, 153, 156, 157, 158, 162, 164, 165, 175, 192, 194, 203

B

Belém 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 37, 38, 158, 187, 189, 190, 193, 194, 202

C

Carimbo 23, 187, 190, 196, 197, 201

Carimbó urbano 15, 16, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 34, 36, 37

Cartografias 139, 140, 141, 143, 146, 148

Caruana 27, 34, 35, 36, 37, 38

China 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158

Chlorophyll print 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84

Cidade 15, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 32, 37, 53, 54, 55, 89, 93, 94, 95, 96, 97, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 109, 114, 115, 133, 158, 193, 194

Cinemas de rua 103, 104, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114

Cobra venenosa 27, 34, 35, 36, 37, 38

Conceito 4, 6, 11, 19, 21, 23, 24, 26, 34, 38, 53, 60, 77, 78, 79, 89, 99, 160, 161, 162, 164, 168, 169

Contenidos 70, 74, 172, 183

Cotidiano 15, 16, 25, 31, 32, 39, 42, 45, 50, 55, 60, 64, 70, 73, 86, 88, 98, 100, 101, 140, 164, 165, 166, 168, 169, 176, 187, 200

Cultura 12, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 34, 36, 37, 38, 39, 42, 45, 49, 50, 51, 56, 57, 58, 59, 60, 65, 76, 83, 95, 101, 108, 114, 115, 136, 143, 151, 155, 175, 185, 187, 188, 189, 192, 193, 194, 195, 196, 198, 200, 201, 203

D

Desamparo 48, 51, 52, 53, 56, 57, 58, 65

Desenho industrial 160, 161, 162, 167

Designer industrial 160, 161, 162, 164, 166, 167, 168, 169

Dilemas del aprendizaje 172

E

Enfoques 140, 172, 173, 183

Espacialidad 71, 76, 139, 140, 143

Estética 18, 20, 28, 34, 36, 41, 42, 45, 47, 49, 53, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 100, 164, 166, 168

Evaluación 172, 177

F

Fotografía 40, 47, 77, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 93, 102, 106, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137

G

GCUB 151, 152

Globalización 139, 147

Guerreiro 26, 48, 49, 51, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 116

H

Hibridização 15, 17, 27, 28, 29, 34

História 8, 10, 13, 21, 30, 39, 43, 46, 48, 50, 51, 54, 56, 59, 61, 65, 66, 85, 89, 94, 95, 96, 97, 100, 101, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 114, 115, 116, 118, 131, 137, 138, 153, 156, 158, 160, 161, 187, 188, 189, 191, 195

I

Ideas previas 172, 183

Identidade 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 20, 23, 27, 29, 33, 34, 36, 37, 38, 48, 50, 51, 52, 54, 55, 57, 58, 59, 61, 65, 66, 67, 95, 112, 115, 118, 152, 156, 157, 158, 162, 166, 188, 190

Identidade negra 48, 50, 51, 54, 57, 58, 61, 65

Índia 151, 153, 155, 156, 158

Intuición empírica 68, 69, 70, 73

J

Japão 151, 153, 154, 155, 156, 157, 158

Jovem 35, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 59, 62, 63, 191

Juventude 48, 49, 50, 203

K

Karatê 151, 153, 155, 156, 157, 158, 159

L

Legislação 86, 97, 135

M

Machine Art 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47

Mangueio 15, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26

Memória 10, 39, 50, 54, 60, 61, 88, 89, 90, 100, 102, 103, 104, 152, 156

Modernidade 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 18, 26, 32, 33, 37, 38, 39, 52, 56, 66, 78, 163

Mundo natural 68, 69, 71, 73

P

Pandemia 86, 87, 90, 96, 98, 99, 100, 101, 107, 109, 111, 112, 114, 115

Patrimônio 16, 18, 24, 26, 28, 35, 37, 38, 86, 87, 90, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 108

Patrimônio cultural 16, 18, 28, 37, 86, 87, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101

Pós-modernidade 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 12, 13, 14, 38, 52, 66

Preservação 51, 86, 90, 94, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 104, 110

Processo de criação 77, 78, 83, 190, 191

Q

Quilombo 48, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 59, 61, 66, 67

R

Recife 93, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115

Reportagens 103, 104, 107, 108, 109, 111, 112, 113, 115, 196

Rua 15, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 34, 35, 87, 88, 89, 93, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 158, 194

S

Série 43, 50, 54, 80, 103, 104, 107, 108, 111, 112, 113, 114, 115, 137, 161

Socioestética 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75

T

Televisão 32, 103, 104, 108, 113, 196, 197, 200, 203

Tempo 3, 6, 8, 11, 20, 22, 26, 31, 40, 43, 45, 50, 55, 61, 62, 63, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 87, 88, 94, 107, 112, 113, 115, 131, 154, 158, 160, 162, 163, 165, 166, 167, 168, 191

U

UEMG 151, 152, 203

V

Vanguarda 39, 164

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

A arte

e a

cultura

e a

formação humana

3

 **Atena**
Editora
Ano 2022

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

A arte
e a

cultura
e a

formação humana

3

 **Atena**
Editora
Ano 2022